



## **A SOCIEDADE, O INDIVÍDUO E SUAS PATOLOGIAS: AS MULHERES COMO SUAS PRINCIPAIS “VÍTIMAS”**

GT14: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

**Trabalho completo**

Vicente RODRIGUES DE O. NETO (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)  
vicenterodrigues\_39@hotmail.com

Maria Aparecida REZENDE (Docente da UFMT/IE/PPGE)  
rezemelo@gmail.com

Luiz Augusto PASSOS (Docente associado da UFMT/IE/PPGE)  
passospassos@gmail.com

### **Resumo**

Vivemos em uma sociedade onde o surgimento de determinadas patologias estão se reproduzindo à toda velocidade. O objetivo é compreender como essas patologias surgem na sociedade em que vivemos, no campo individual, coletivo e social, em que o racismo e a violência assolam em especial as mulheres negras. A metodologia é orientada a partir da pesquisa bibliográfica e a revisão de estudos para a dissertação em andamento. O conhecimento é uma arma e ferramenta necessária para combater essas três questões que assombram os grupos sociais, em especial as mulheres negras, mais vulneráveis a essas patologias em um processo ainda patriarcado.

Palavras-chave: Mulheres negras. Racismo. Patologias. Violência

### **1 Introdução**

A concepção de patologia social se fundamenta na identificação e análise de estados prolongados de disfunção ou desvio da normalidade nas múltiplas esferas sociais. Acerca das patologias sociais e formas de violências, Castilhos; Pizzi; D'Ávila (2023) trazem uma discussão para esse debate que permite uma compreensão mais profunda das interações complexas que podem gerar consequências adversas em instituições, organizações, sistemas econômicos, de saúde, educacionais e na sociedade de forma abrangente.

As patologias sociais não se limitam a problemas visíveis; elas também podem manifestar-se em formas sutis de desintegração social, desigualdade estrutural, marginalização de grupos femininos, nas diferentes formas de violências que ocorrem com as mulheres e outros grupos no contexto da vulnerabilidade social e econômico, além das instituições. Exemplos incluem a pobreza persistente, a violência sistêmica contra as mulheres, a exclusão social e a falta de acesso a serviços básicos. Esses fenômenos revelam



uma dinâmica que transcende os indivíduos, envolvendo fatores históricos, culturais e políticos que moldam as condições de vida de uma comunidade.

Segundo Castilhos; Pizzi; D'Avila (2023), a palavra anormal, dada como deficiência no funcionamento do corpo, se caracteriza pelo termo comum, tradicionalmente falando, já a patologia condiz com o individual de cada ser. Mesmo que os sentidos psíquicos e físicos sejam tratados separadamente, eles possuem uma relação de valores e ligações psicológicas. Ao perceber certos transtornos em seu campo sensorial, seu comportamento também é alterado dentro dos seus aspectos social e coletivo. Dessa forma há de se fazer o diagnóstico das patologias sociais pois, elas inferem diretamente nos indivíduos, o que afeta os grupos sociais.

Diante do exposto, podemos perceber nitidamente que as mulheres, em especial as negras, são mais vulneráveis às patologias sociais por estarem sempre buscando suprir suas necessidades básicas como alimento, moradia, segurança, educação, não tendo acesso à saúde e expostos à essa violência que as assola em todas suas formas e cores em sua corporeidade.

Nesse contexto, a violência, o racismo e a discriminação social contra as mulheres, emerge como uma das manifestações mais brutais e sistemáticas dessa desigualdade, que termina por desenvolver patologias, sejam na pessoa, como nos meios sociais de convivência. As causas das patologias sociais de acordo com os autores Castilhos; Pizzi; D'Ávila (2023), incluem: pobreza: falta de recursos básicos, como alimentação e moradia; desigualdade: acesso desigual a oportunidades como educação e saúde; violência estrutural: sistemas sociais que perpetuam discriminação e exclusão, principalmente contra mulheres negras; falta de políticas públicas: insuficiência de apoio governamental e serviços sociais; educação precária; cultura de violência: normalização da violência contra a mulher, pessoas negras e pobre em diversos contextos sociais.

O objetivo desse texto compreender como essas patologias surgem na sociedade em que vivemos, no campo individual, coletivo e social, em que o racismo e a violência assolam em especial as mulheres negras. Buscamos ao longo desta escrita identificar o que são patologias sociais, quais contextos elas se originam, evidenciando suas marcas e consequências envolvendo as mulheres e as pessoas negras que são as mais fragilizadas no seu espaço próprio como um grupo social, uma comunidade e até mesmo a sociedade de maneira geral. Dessa forma se torna importante esse estudo sobre Patologias Sociais, sobre o racismo, bem como a violência, pois são processos indissociáveis, só conhecendo e



compreendendo essas realidades, poderemos combater esses males que corroem a sociedade silenciosamente e de maneira sutil, envolve cada indivíduo no seu mais íntimo ser.

## 2 Desenvolvimento – patologias sociais, violências e racismo

Seguindo a trilha do subtítulo iniciaremos essa discussão pela compreensão do que são patologias sociais. Falar de patologias sociais é puxar um cordão de outras palavras conceituais que andam juntas que se interconectam com os diferentes tipos de violências citadas por Erick Fromm (1980), o racismo debatido por Grada Kilomba (2019) e patologias pelo debate trazido por Castilhos; Pizzi; D'Ávila; 2023). Para essa compreensão de patologias sociais tratadas a nível da pessoa e da coletividade copiamos o quadro-resumo destes últimos autores.

**Quadro 1- Relação entre os trechos extraídos das conceituações de patologia social e os respectivos temas.**

O que são (coletivos) Desvios, mal formações, alteração da “normalidade”, situações cotidianas, anomalias (social, política e econômica), vulnerabilidade, desenvolvimento social deficiente, caos e desordem, transtorno de convivência, extremismos, contradições ao capitalismo, hipocrisia ética humana e efeitos negativos de práticas sociais.	O que são (individuais) Doença, transtorno, dor, vulnerabilidade, atentado à dignidade, afetação da subjetividade, transtornos mentais.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Castilhos; Pizzi; D'Ávila (2023, p. 9).

As patologias sociais como é detalhado neste quadro afeta as pessoas, em especial devido as condições de vida que elas levam. A questão racial desde os primórdios mostra a violência cruel com as mulheres negras. Grada Kilomba (2019) em sua clássica “Memórias da Plantação- Episódios de racismo cotidiano” descreve um triste episódio acerca de uma máscara usada nas mulheres no período da colonização.

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana--de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura (Kilomba, 2019, p.20).



Essa violência contra as mulheres é um exemplo típico que caracteriza as Patologias Sociais. A máscara representa o sofrimento, a pobreza, a desigualdade, a violência estrutural, a falta de políticas públicas, a educação precária e a cultura de violência contra mulheres e pessoas pobres. Essa realidade é um legado histórico de marginalização que ainda persiste, manifestando-se de maneiras devastadoras na vida cotidiana.

A violência contra as mulheres, especialmente as negras, é um reflexo agudo dessa situação. Elas enfrentam não apenas a opressão de gênero, mas também a opressão racial, a desigualdade salarial, que intensifica sua vulnerabilidade. O medo e a insegurança permeiam suas vidas, resultando em um ciclo de abuso e silêncio.

Fromm (1980) traz uma discussão acerca dos diferentes tipos de violências sofridas no interior da sociedade, aqui trazemos a exemplo a violência reativa que está intimamente ligada à violência vingativa, perseguem as pessoas, nesse sentido, ele afirma que:

Otro tipo de violencia relacionado con la violencia reactiva, pero que es ya un paso más hacia la patología, es la violencia vengativa. En la violencia reactiva la finalidad es evitar el daño que amenaza, y por esta razón dicha violencia sirve a la función biológica de la supervivencia. En la violencia vengativa, por otra parte, el daño ya ha sido hecho, y por lo tanto la violencia no tiene función defensiva. Tiene la función irracional de anular mágicamente lo que realmente se hizo. Hallamos violencia vengativa en individuos y en grupos primitivos y civilizados. Podemos dar un paso más en el análisis del carácter irracional de este tipo de violencia. El motivo de la venganza está en razón inversa con la fuerza y la capacidad productora de un grupo o de un individuo (Fromm, 1980, p. 10).

Essa violência reativa mostra a pessoa desiludida, sem esperança de dias melhores, desiste da vida, odeia a vida. Já não crê em mais nada. Não acredita mais nos governos, na bondade, na fé, no amor, pois vê uma vida sem sentido, sem amor e só percebe o mal existente nas relações sociais.

Em relação às mulheres negras a situação se revela alarmante pois são deixadas à mercê de um sistema que falha em protegê-las, o que leva à normalização da violência como parte da experiência cotidiana. Muitas vezes o que lhes resta fazer é calar-se, silenciar-se e seguir em frente. Em uma sociedade ainda patriarcal, a mulher luta incessantemente pelos seus direitos de igualdade, contra o racismo e o preconceito social. Podemos afirmar que muitas mulheres, nessa sociedade, ainda patriarcal, com heranças no colonialismo, infelizmente, ainda usam a máscara de Anastácia.

Além disso, as condições socioeconômicas precárias geram um ambiente propício para a perpetuação dessas patologias. A falta de acesso a serviços de saúde, educação de qualidade e segurança social contribui para que essas mulheres e suas comunidades sejam cada vez



mais marginalizadas. Sem suporte adequado, a capacidade de romper com esse ciclo é severamente limitada. A sobrecarga de trabalho para essas mulheres, é um dos fatores que contribuem para que se tornem vulneráveis às patologias sociais.

O cuidado com os filhos, o esposo, a casa e ainda trabalhar fora, muitas vezes tendo um serviço longe de casa na informalidade, sofrendo assédio tanto no trabalho como nos ônibus e metrô superlotados, são gatilhos para o desenvolvimento das patologias sociais, tanto na sociedade ou grupo que habita, quanto no seu psicológico. Dessa forma temos patologias sociais que se desenvolvem nos campos psíquicos e físicos. Não obstante, essas patologias podem levar o indivíduo à depressão.

Nesse sentido, Castilhos; Pizzi; D'Ávila (2023), descrevem que as patologias sociais não devem ser encaradas e “classificadas” na sua unidade de individualização ou deficiências mentais ou insanidade mental, mas como “sinais e “sintomas” que foram produzidos e se fortalecem diante do fato de que as pessoas com essas patologias tendem a se tornarem antissociais e recusa em aceitar e a respeitar os valores estabelecidos pela sociedade, entrando em um estado de depressão e desorientação em casos mais severos.

É essencial que haja um esforço coletivo para dismantelar essas estruturas opressivas. Isso inclui a implementação de políticas públicas efetivas que abordem a desigualdade, promovam a educação e garantam proteção e recursos para as vítimas de violência. Apenas assim poderemos começar a retirar essa máscara que perpetua a dor e a exclusão, permitindo que as vozes e as experiências de mulheres negras e pessoas pobres sejam ouvidas e valorizadas. A luta pela equidade e justiça social é, assim, uma luta contra as patologias que marcam nossas sociedades.

O racismo conforme Kilomba (2019) está presente com três características: a primeira é a construção de/da diferença; a segunda, está ligada à valores hierárquicos e a terceira, estão todos juntos, interconectados que é o poder. Diante disso ela observa que é necessário questionar essas diferenças: quem é o diferente e diferente de quem? O negro do branco ou o branco do negro? Para ela, o racismo se revela em três níveis: *nível estrutural* – há diversos relatos de pessoas negras, quilombolas, pretas que foram e são excluídas das estruturas, sejam sociais ou políticas. A nível *institucional* é muito comum essa exclusão, seja pela invisibilidade, pelo ato de ignorar, a exemplo de pessoas pretas que entram pelas cotas e são rejeitadas na formação de grupos de trabalho em diferentes cursos das universidades públicas ou particulares. E por fim, nível do racismo *cotidiano* que se revela a todo momento em diferentes espaços, seja na rua, nos comércios de um modo geral, enfim, uma desigualdade que tem gerado violências de toda natureza.



A desigualdade racial, aliada à pobreza, potencializa a violência de gênero, transformando-as em alvos ainda mais fáceis para agressores. Estudos mostram que mulheres negras são mais propensas a sofrer violência física e sexual, não apenas no ambiente doméstico, mas também nas ruas e nos espaços públicos, onde a discriminação racial se combina com a misoginia.

Além disso, o acesso limitado à justiça e à proteção legal intensifica essa situação. Muitas mulheres negras hesitam em denunciar abusos devido à desconfiança nas instituições que deveriam protegê-las, temendo ser desacreditadas ou vitimizadas.

A visibilidade dessa problemática é um passo crucial para a construção de uma sociedade mais justa, onde todas as mulheres possam viver sem medo e tenham seus direitos respeitados. A educação, a conscientização e a promoção de espaços seguros são medidas necessárias para enfrentar essa questão e garantir um futuro onde a violência não seja uma norma, mas uma exceção a ser combatida.

Além de compreender as causas, é essencial avaliar os impactos dessas patologias sociais no homem/mulher e na sociedade. Tais impactos podem se manifestar em diversos níveis, desde o aumento da criminalidade e da instabilidade social até a deterioração da saúde pública e a crise de confiança nas instituições.

Para além dessas questões não se pode ignorar a influência da mídia e a propagação de normas culturais que valorizam o consumo e o individualismo podem exacerbar questões como a solidão e a alienação, contribuindo ainda mais para o surgimento de patologias sociais.

Desenvolver estratégias de intervenção eficazes é um desafio complexo, mas necessário. Essas intervenções podem variar desde políticas públicas que abordem desigualdades estruturais, sociais, discriminação, racismo violência contra a mulher e pessoas menos favorecidas, até programas comunitários que promovam inclusão e empoderamento. A participação da comunidade nas soluções é crucial, pois a mobilização local pode levar a mudanças mais sustentáveis e adaptadas às realidades específicas de cada contexto.

Todos os tipos de violência, seja ela doméstica ou social contra as mulheres (negras), e mesmo os homens nos tornam vulneráveis e reféns do crime. O uso inadequado da tecnologia, como a dependência de redes sociais e a propagação de *fake News*, distorce a realidade e afeta a saúde mental. Para enfrentarmos essas patologias, é fundamental promovermos a educação, a empatia, fortalecer instituições éticas e fomentar o diálogo e o engajamento em defesa do ser humano.



A violência como sendo uma das patologias sociais mais evidentes estão intrinsecamente conectadas, servindo como indicadores e amplificadores das disfunções sistêmicas em uma sociedade. A violência, seja ela física, psicológica ou estrutural, frequentemente emerge como uma resposta a desigualdades socioeconômicas e à marginalização de grupos específicos. Quando a população é excluída de recursos essenciais como educação, saúde e oportunidades econômicas, o aumento da tensão social pode levar à eclosão de atos violentos. Essa violência não é apenas uma consequência dessas disfunções, mas também um fator que agrava as condições de vulnerabilidade social, gerando um ciclo contínuo de precariedade, criminalidade e exclusão.

Enfim, ao trazer para esse debate a questão da violência, do racismo, em especial com as mulheres negras, queremos com isso provocar um diálogo maior entre todas e todos que se debruçam nessa problemática e que consideram que ela reforça e aumenta as patologias sociais, seja no contexto coletivo ou em sua individualidade. Os estudos realizados para esse texto nos fortaleceram e enriqueceram os conhecimentos que já tínhamos mediante outras pesquisas acerca da violência e racismo, pois nos revelou o lugar das patologias sociais que comumente não damos atenção.

### **3 Conclusão**

Nosso objetivo é “compreender como essas patologias surgem na sociedade em que vivemos, no campo individual, coletivo e social, em que o racismo e a violência assolam em especial as mulheres negras”, assim, trouxemos alguns teóricos especialistas nestas questões para o conhecimento e debate. O conhecimento adquirido por meio das diversas leituras, fruto de pesquisas preocupadas em minimizar essas ações geradas pela discriminação, preconceito que torna o que se chama de racismo e o aumento das patologias sociais.

A relação entre sociedade e suas patologias revela uma complexidade intrínseca, onde disfunções sistêmicas impactam diretamente a saúde mental e emocional das pessoas marcadas pelas desigualdades profundas, exclusão social e violência estrutural, institucional, cotidiana que dificulta vislumbrar um lugar de convivência ética e de amorosidade. Como resultado, muitos não percebem a profundidade de seu sofrimento nem a urgência de buscar intervenção, principalmente as mulheres negras que sofrem abusos, discriminação, racismo e preconceito.



Reconhecer essa vulnerabilidade e abordar as patologias sociais de forma sistêmica é fundamental para romper esse ciclo. Intervenções que promovam um diálogo profícuo, ações que sejam pontuais nessa problemática, acesso a serviços de saúde mental e tornar-se de modo consciente sobre as condições de vida são essenciais, mas para isso, a educação deve ser valorizada, repensada por meio de uma abordagem integrada e consciente, que valorize a relação entre sociedade e as diferentes pessoas como um modo de cultivar um ambiente onde a fragilidade humana seja compreendida, mas que também vá além do entendimento e sejam desenvolvidas ações de intervenção para sair do mundo da discussão e enfrentar o cotidiano das realidades que permeiam todas essas questões aqui descritas.

Desse modo, esperamos que o texto tenha contribuído para trazer novos conhecimentos e provocado, nos diversos espaços da academia, das instituições educacionais o desejo de dar início ou continuidade ao trabalho que envolvem a violência, o racismo e as patologias sociais nos diferentes contextos. Entender o processo que instiga esses três fatores auxiliam no combate deles e ir além das estruturas que emperram esse trabalho. Deixamos algumas indagações finais: O que gera a violência, o racismo e as patologias sociais existentes em espaços que pesquisamos e convivemos? O que podemos fazer para minimizar essa crueldade que é carregada em cima da pessoa negra, indígena, quilombola, bem como de diferentes grupos considerados vulneráveis no contexto de uma sociedade de poucos brancos, mas que determina as mazelas sociais? São reflexões para nos ajudar a repensar nossas pesquisas e modo de atuação nesses campos cruéis da violência, do racismo e das patologias sociais.

## Referências

CASTILHOS, E. D. de; PIZZI, J.; D'AVILA, O. P. Análise conceitual: por um significado de Patologia Social (2023). Dossiê teoria crítica renovada e patologias sociais. **Revista Dissertatio** – volume suplementar 13. UFPel, 2023, 3-15.

FROMM, E. **El corazón del hombre: Su potencia para el bien y para el mal**. 7 reimp. México, Madrid: Ediciones F.C.E., 1980. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=resumo+sobre+patologias+sociais1>. Acesso em : 25/09/2024.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.